

ENSINO DE ARTE PARA AS RELAÇÕES ÉTNICORRACIAIS NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS IMÁGETICAS

*TEACHING ART FOR ETHNICORRACIAL RELATIONS AT SCHOOL:
IMAGING EXPERIENCES*

Amanda Ferreira Moreira

Acadêmica de Artes Visuais Licenciatura, Centro de Artes, UFPEL.
Bolsista PIBID CAPES/UFPEL, Brasil
ferreiraamanda31@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Caroline Leal Bonilha

Professora do Centro de Artes/UFPEL, Brasil
Caroline.bonilha@ufpel.edu.br

RESUMO

Neste texto apresento algumas reflexões geradas através da narrativa que uma experiência de uma atividade proposta para alunos de séries iniciais e que também reflete sobre a importância das atividades do Subprojeto Artes Visuais do Pibid/UFPEL na formação de futuros professores de Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas, mas sobretudo no fortalecimento da efetivação da lei 10.693/03 e as políticas educacionais voltadas para questões de raça no espaço escolar. Neste sentido, compreendo que os processos educativos devem ser vistos com uma lente cultural nos quais a diversidade e a diferença étnica possam conviver dentro de espaços, e que possam ser absorvidos para a vida desses alunos. Dessa forma, propomos que a decolonialidade seja praticada em sala de aula e não apenas um termo contemporâneo utilizado em estudos. A arte e as imagens nos ligam a contextos de gêneros, de aspectos culturais, religiosos, políticos, sociais, sendo elas formas ideológicas ao nosso modo para pensar. Imagem e significado estão sujeitas as condições ligadas ao modo como uma ideia, objeto ou pessoa se dispõe ou se localiza num lugar ou situação. Os significados dependem da situação ou contexto no qual os vivenciamos. A partir dessa atividade, exercitamos a compreensão de um lugar e vozes, que essas diversidades étnicas ocupam muito além do pertencimento do estigma social.

Palavras-chave: Ensino de arte, Pibid, Diversidade Étnicorracial

ABSTRACT

In this text I present some reflections generated through the narrative that an experience of an activity proposed for early grade students and that also reflects on the importance of the activities of the Visual Arts Subproject of Pibid/UFPEL in the training of future teachers of Visual Arts, in Federal University of Pelotas, but above all in strengthening the enforcement of law 10.693/03 and educational policies aimed at issues of race in the school environment. In this sense, I understand that educational processes must be seen with a cultural lens in which diversity and ethnic difference can coexist within spaces, and that can be absorbed into the lives of these students. Thus, we propose that decoloniality be practiced in the classroom and not just a contemporary term used in studies. Art and images connect us to contexts of genres, cultural, religious, political, social aspects, and they are ideological forms in our way of thinking. Image and meaning are subject to conditions linked to the way an idea, object or person is disposed of or located in a place or situation. Meanings depend on the situation or context in which we experience them. From this activity, we exercise the understanding of a place and voices that these ethnic diversities occupy far beyond belonging to social stigma.

Keywords: Art Education, Pibid, Ethnic-Racial Diversity

Introdução

Neste artigo abordarei um relato de experiência, a partir das atividades proposta para alunos de séries iniciais do ensino fundamental, e que também reflete sobre a importância das atividades do Subprojeto Artes Visuais do Pibid/UFPEL, na formação de futuros professores de Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas, no fortalecimento da efetivação da lei 10.693/03 e as políticas educacionais voltadas para questões de raça no espaço escolar. Neste sentido, compreendo que os processos educativos devem ser vistos com uma lente cultural nos quais a diversidade e a diferença étnica possam conviver dentro dos espaços, e que possam ser absorvidos para a vida desses alunos. Dessa forma, propomos que a decolonialidade seja praticada em sala de aula, e não apenas um termo contemporâneo utilizado em estudos. A arte e as imagens nos ligam a contextos de gêneros, de aspectos culturais, religiosos, políticos e sociais, sendo formas ideológicas ao nosso modo de pensar. Imagem e significado estão sujeitas as condições ligadas ao modo como uma ideia, objeto ou pessoa se dispõe ou se localiza num ambiente ou situação. Os significados dependem da situação ou contexto no qual os vivenciamos. A partir dessas atividades exercitamos a compreensão de um lugar, e pertencimento que essas diversidades étnicas ocupam, muito além do pertencimento dos estigmas sociais. Exercendo o ensino da arte como mediação para caminhos metodológicos que estimulem a educação para as relações étnico-raciais. O desejo de dar visibilidade às experiências pedagógicas, que apontam para a importância do desenvolvimento da lei 10639/2003, e a busca por caminhos, para uma possível superação de uma herança racista na educação brasileira, estão entre os objetivos principais desse artigo, assim como relatar a experiência desenvolvida através das vivências como bolsista no PIBID que me colocam a frente de uma formação docente com comprometimento em resgatar saberes de uma história que resiste a apagamentos, como referencial teórico-metodológico os respectivos autores, que abordam o tema me apoiam e dialogam nessas narrativas vividas com as atividades elaboradas com o PIBID.

Metodologia: sobre as atividades com o PIBID

Ao investigar como flui a abordagem da temática étnico racial, nas turmas atendidas pelo programa, por meio das produções visuais, da arte Afro-brasileira e da África, procurando por caminhos para a construção de uma educação antirracista. Assim buscando refletir e compreender de qual maneira ocorre o trabalho pedagógico com a linguagem visual da arte

afro-brasileira na escola parceira do PIBID, em concordância com a Lei 10.639/2003, a qual institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica e o combate ao racismo e as discriminações. Além disso, objetiva-se investigar se tais práticas pedagógicas influenciam as relações étnico raciais na escola e como se dão essas influências, na perspectiva de uma educação igualitária, no combate ao racismo e na consciência étnico-racial desde a primeira infância. Para isso, realizou-se uma gama de atividades e preposições artísticas e pedagógicas debruçadas em pesquisa de natureza bibliográfica, e estudos também fundamentados na cultura visual.

A cultura visual assume que a percepção é uma interpretação e, portanto, uma prática de produção de significado que depende do ponto de vista do observador/espectador em termos de classe, gênero, etnia, crença, informação e experiência sociocultural. Assim, os objetos de estudo e produção incluem não apenas materiais visuais tangíveis, palpáveis, mas, também, modos de ver, sentir e imaginar através dos quais os artefatos visuais são usados e entendidos. (TOURINHO, 2011, p. 06).

A Cultura Visual pode no campo da Arte, apontar para uma aproximação entre a vida, com seus paradoxos, o cotidiano. São pontos interessantes para uma abertura e desconstrução, dentro dessa relação entre as Artes Visuais e as relações étnico raciais na escola, me vi no papel como discente em Artes Visuais, nesta iniciação à docência, vivenciando e mediando e intervindo para esse contato acontecer, como facilitadora para essas experiências estéticas, imagéticas. Ações concretas que funcionam como dispositivos para a educação do olhar. Uma possibilidade de ampliação na capacidade desses alunos observarem e se relacionarem de forma significativa com a Arte e Cultura Afro-brasileira. Efetivando que essas pautas são valorativas ao estarem presentes dentro dos currículos, dos projetos pedagógicos, a contribuição das Artes Visuais para que esses conteúdos possam ser trabalhados, e a implementação da lei 10.639/03, operam diretamente para um olhar e estudo de uma História da Arte, que considera e conta com atribuições específicas das produções artísticas Afro-brasileiras, ou Afro-latinas, sejam elas contemporâneas ou revisitando os movimentos artísticos.

Em contrarresposta as ações excludentes das populações negras no processo de formação de identidade cultural brasileira, depois de anos sem reconhecimento, vista como uma massa sem subjetividade, história e cultura, sofrendo apagamentos, representações pejorativas e estereotipadas altamente inferiorizadas. É possível que essa conscientização desde cedo, no ambiente escolar e presente nas formações docentes em Artes Visuais, tenham sua aplicabilidade expressa numa onda de grandes mudanças e que ensinam sobre a capacidade, e as potencialidades das produções artísticas e culturais afro-brasileiras para o ensino da Arte. Ao

longo deste cronograma de atividades junto da escola parceira do PIBID, pudemos elaborar atividades que expressa o desejo de resgatar esses saberes, é também uma forma de experimentar como é mediar e trabalhar em sala de aula, e o quanto é possível expandir a abordagem dessa temática, tomando como referência de produções artísticas onde o negro está presente sob sua visão ou na visão do outro. A fruição de uma Arte produzida por artistas afro-brasileiros em sala de aula pode levar à compreensão de que a produção cultural de nosso país se dá sob diversas mãos e não somente sob a europeia e que sua qualidade é equivalente, e que por vezes, melhor. Além de um caminho metodológico de ensino, também uma reflexão sobre de que forma podemos inserir esses saberes e fazeres. Para um olhar no hoje, com novas narrativas imagéticas, ao trazer para a sala de aula, artistas visuais contemporâneos negros, evidencia-se o processo de legitimação de demandas históricas de movimentos negros, as obras revelam na sua maioria, desdobramentos que vão da presença e enfrentamento da segregação étnica. O ensino de arte aliado com o uso da potência da imagem como dispositivo atuante em sala de aula. Com foco na promoção em difundir e compartilhar saberes dessa cultura. Fruto de inquietações, de ao estar participando e atuando em parte, na Educação Básica, com um propósito de dialogar também com tantas frentes importantes nessa formação docente em Artes Visuais, e na tentativa de unir e pensar como a ancestralidade pode se conectar com essas práticas contemporâneas, e as discussões contemporâneas que atualmente se fazem presente por todos os espaços de saberes e intelecto, seja nas redes sociais, na televisão ou cinema, formatizar e organizar esse conhecimento e tornar devidamente acessível. Portanto o ensino de Arte e o uso das imagens atuam para que esses processos culturais se manifestem junto dos processos de aprendizagem. No que se refere a novas metodologias, emergem a cultura visual e leituras de imagens, ambas desconstruem o discurso pedagógico tradicional, evidenciando o valor não só dos objetos artísticos, legitimados como Arte, como também novas interpretações de imagens do nosso cotidiano, aliando-se na formação docente que se faz presente na Educação Básica, analisando-a e questionando como as práticas pedagógico artísticas com a arte e cultura Afro-brasileira podem educar para as relações étnicoraciais, tendo como praticas educativas o uso das imagens e suas experiências, a cultura visual tem um grande desafio, o qual segundo Hernández é de adquirir um “alfabetismo visual crítico”.

A cultura visual tem como o universo os símbolos e signos, a compreensão destes num contexto cultural, onde considera a arte, os artefatos que integram a cultura visual, como forma de pensamento, como um idioma que deva ser interpretado, como uma ciência, ou um processo diagnóstico, no qual se deva encontrar o sentido das coisas a partir da vida que os rodeia. (HERNÁNDEZ, 2000, p.53).

A cultura visual visa à necessidade de exploração de um campo de conhecimento mestiço, contribuindo para uma história dos olhares e aceitando a relação objeto/ expectador, que através de suas vivências e experiências compreende o objeto de arte buscando entender o que representa, e a relação que ele mantém com as pessoas.

Na atividade que trabalhamos em aula, na qual serviu de propulsor para escrever este trabalho, obtive uma devolutiva muito significativa pelo ponto de vista da experiência com as imagens, propomos uma reflexão e um novo olhar sobre corpos negros e seus lugares e ocupação na sociedade, no mundo. De forma que essa atividade, também fique gravada como um marco para iniciar a se pensar criticamente, e que impacta na construção social das pessoas envolvidas e que se permitiram também experimentar no fazer com esse exercício perante a imagem foram convidados a se colocarem na ação em conjunto da imagem, e reproduzir e fazer parte da construção de novas imagens.

E se fizéssemos o exercício de inverter o olhar sobre a história da escravidão? Quem são as nossas representatividades negras? Quem são os reis e rainhas negros e negras? Trouxemos por intermédio dessa atividade esse pensar.

Ao pedir que após observarem na imagem e identificar, conhecer e reconhecer e valorizar as características estéticas e culturais presentes de caráter patrimonial material e imaterial pertencentes à cultura de origem africana, para aproximar e compreender futuramente os dados e fatos históricos e as manifestações populares, viabilizando a compreensão, o convívio e a interação através das linguagens artísticas. A partir disso levamos o trabalho do fotógrafo George Osodi que se reuniu com muitos dos reis tribais da Nigéria, documentando em imagens raras dessa tradição pré-colonial. A série recebeu o título de " Os Guardiões da Paz e da Cultura". Muitos reinos já existiam na região antes da chegada dos europeus no continente. Os reis eram responsáveis pela diplomacia e governo de cada região. No século 19, com a chegada dos europeus à Nigéria, novos reinos foram criados e reis designados. Desde a década de 1960 o país se tornou independente e a monarquia foi abolida, mas ainda existe os reis tribais porque são importantes na política inspirando respeito e confiança em suas tribos e por serem considerados parte da cultura do país. O trabalho com Arte e Cultura Afro-Brasileira e Africana na escola, é reconhecido como local privilegiado para trabalhar temas que permitem formar cidadãos conscientes, possibilitando o educando ampliar seu horizonte existencial, cultural e crítico, e que levam os educandos a valorizar as várias culturas, a posicionar-se contra todo tipo de discriminação, como a cultural, social, religiosa, de gênero, de etnia, dentre outras. Para as

nossas ações com a escola parceira, todos tem lugar de escuta, todos tem lugar de fala. Possibilitando que as experiências de Arte e Educação apontem o exercício fundamental de pensar em como existimos.



Figura 1: Fotografia da Série " Os Guardiões da Paz e da Cultura".
Fonte: Material Educativo da Bienal do Mercosul. Edição 11, ano 2018.



Figura 2: Fotografia da Série " Os Guardiões da Paz e da Cultura".
Fonte: Galeria Virtual do Artista, <https://www.artsy.net/artwork/george-osodi-de-money-obuasi-chief>

Resultados e Discussão

Fomos inseridos dentro da realidade do contexto escolar, diretamente na pandemia, com o programa. Diante de muitas adversidades com o ensino remoto. Para cumprir e efetivar esses objetivos e as metodologias específicas com o PIBID, estamos atuando e podendo evidenciar o quanto o ensino de arte é capaz de sensibilizar para as diferenças; por isso torna-se um meio para possibilitar o ensino para as relações étnicas, e responder à diversidade racial, cultural e de maneira positiva e responsável. Utilizou-se como apoio e referencial na elaboração das atividades o DOM (Documento Orientador Municipal) que passamos a compreender em coletivo, dentro do PIBID, e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). A vida e a obra de artistas, podem ser uma boa “porta de entrada” para se trabalhar com a cultura e Arte afro-brasileira, pois possibilitam também colocar em diálogo as expressões. As obras podem ser entendidas como espaços íntimos de criação do artista por meio dos quais ele se relaciona com o mundo social que o circunda, ou seja, o espaço onde convivem e confrontam: individualidade, realidade social e recursos poéticos e retóricos. Provocando uma interação entre as Artes Visuais e a arte e cultura afro-brasileira, trazendo e refletindo o cotidiano dos estudantes para a sala de aula, buscando ludicidade e trazer incentivo e participação para as atividades propostas, transformando nossas ações significativas nesse momento pandêmico. As máscaras são as expressões mais conhecidas da África e quase sempre ganham grande envolvimento dos alunos, quando trabalhadas em sala de aula. Entretanto, esse pode ser um bom elemento para começarmos um trabalho que favoreça realmente um conhecimento da África, quando essa produção pode demonstrar a riqueza estética que existe no continente. Através dessa riqueza, por exemplo, se podem demonstrar diferenças na produção artística, na organização sociopolítica e nas filosofias dos diversos povos, pois cada um deles desenvolveu formas bastante específicas. Trabalhando sobre identidade e mediação e cultura visual, a discussão e execução desses temas visa também dialogar e refletir acerca de como os alunos negros da escola que aplicamos a atividade, pertencentes a um grupo étnico e suas relações com os outros grupos étnicos. Ao aprender através do ensino de Arte sobre representatividade.

Conclusão

A efetivação das relações étnico-raciais na escola, passa pelas mudanças dos paradigmas com que os docentes trabalham, e o seu fazer pedagógico, a aplicabilidade da Lei 10.693/03, impulsiona cada vez mais uma conscientização e uma abertura, diálogos entre currículos e

relações culturais e étnico-raciais, cada vez mais efetivas para o cotidiano escolar. Portanto para se educar para tais relações se pressupõe e se observa que o ensino de arte, movido e direcionado em ações, reflexões pautadas para desmantelar dentro da Educação Básica construções de pensamentos discriminatórios, tendo o trabalho com as imagens da cultura visual, mediação para que os alunos tenham condições de compreender melhor sua cultura e a de outros povos, contribuindo para a educação crítica e a decodificação de símbolos presentes em imagens que os cercam cotidianamente. Além disso, o trabalho com as imagens contribui para a percepção visual e para o desenvolvimento estético dos educandos, sendo assim estabelecendo o debate sobre a temática étnico-racial, levando o grupo a interagir com a arte, nesta iniciação na docência e a motivar a formação de conhecimentos sobre a cultura Afro-Brasileira, produzindo também uma consciência crítica em Artes Visuais em conjunto com as escolas parceiras. Refletindo criticamente da importância dos elementos da cultura visual e as imagens para esses fazeres artísticos e pedagógicos, e de que a formação docente e ações de valorização dentro do programa PIBID é algo primordial para se estabelecer uma educação antirracista, sem práticas e conteúdos discriminatórios.

REFERÊNCIAS

HERNÁNDEZ, FERNANDO. **Cultura visual, mudança educativa e processo de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TOURINHO, IRENE. **Imagem, identidade e escola**. In: **Salto para o futuro: Cultura Visualidade e escola**. Ano XXI Boletim 09 – Ago 2011b, p. 6.

SANTOS, NFD. **Entre Saberes e Fazeres Docentes: O ensino para as relações Étnico-Raciais no Cotidiano Escolar**. Curitiba: Appris, 2018.